



Jesus Pastor **A figura do bom pastor de Jo 10,11-15 e sua** **relação com o pastor de Zc 13,7-9**

Jesus, the Shepherd
The Figure of the Good Shepherd in John 10:11-15 and its
Relationship with the Shepherd of Zech 13:7-9

Maria de Lourdes Corrêa Lima
Gilliard Gomes Viana

Resumo

O texto de Zc 13,7, embora citado na cena da paixão de Marcos (Mc 14,27: “Ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão”), está, segundo o estudioso do Quarto Evangelho, R. Schnackenburg, por trás do texto do discurso sobre o “bom pastor” de Jo 10. A partir da análise exegética dos textos envolvidos, o presente estudo pretende averiguar a coerência desta afirmação. Para isso, parte do texto de Zc 13,7-9 em seus aspectos mais relevantes para a compreensão de sua mensagem na época de sua redação. Detém-se, em seguida, no estudo de Jo 10,11-15, seção do discurso do capítulo 10 de João que mais interessa ao tema em questão. Serão analisados os dados de maior relevo em vista de verificar uma possível relação intertextual. Finalmente, com o confronto entre os dois textos em seus aspectos exegéticos e teológicos, analisa-se se é possível – e, em caso positivo, em que medida – considerar Zc 13,7-9 como horizonte para compreender Jo 10,11-15.

Palavras-chave: “Pastor” na Escritura. Intertextualidade. Relação Antigo-Novo Testamento. Evangelho de João. Profecia de Zacarias.



Abstract

The text of Zech 13:7, quoted in the passion scene in Mark (14:27: “I will strike the shepherd, and the sheep will be scattered”), can be considered behind the text of John 10, according to the scholar of the Fourth Gospel, R. Schnackenburg. From the exegetical analysis of the texts involved the present study intends to investigate the coherence of this statement. For this purpose, it starts with the text of Zech 13:7-9 in its most relevant aspects for understanding its message at the time of its writing. In sequence, it proceeds with a study of John 10:11-15, the part of the speech in that chapter most related to the subject in question. Finally, by comparing the two texts, based on exegetical and theological aspects, it analyzes whether it is possible – and, if so, to what extent – to consider Zech 13:7-9 as another horizon to understand John 10:11-15.

Keywords: “Shepherd” in Scripture. Intertextuality. Old-New Testament relationship. Gospel of John. Prophecy of Zechariah.

Introdução

O discurso do “bom pastor” em Jo 10 tem sido objeto de estudo de larga bibliografia, que o aborda seja em si mesmo, seja no contexto do Quarto Evangelho ou de outros testemunhos do Novo Testamento, seja em relação a seu cenário veterotestamentário. Neste particular, em geral o texto joanino é aproximado de Ez 34, reconhecidamente um oráculo que apresenta pontos de contato com a imagem do pastor desenhada em Jo 10. Sobretudo a indicação de que o próprio Deus será o pastor definitivo de seu povo (Ez 34,11.14-15) traça uma ponte inegável com o texto joanino. Por outro lado, o texto de Zc 13,7-9, que também menciona a figura de um pastor, não é tão trabalhado em relação ao texto do Evangelho de João. Chama a atenção, nessa perspectiva, a observação do estudioso R. Schnackenburg ao afirmar que o texto de Zacarias é cenário para o discurso joanino do “bom pastor”.¹

A partir desta indicação, o presente estudo pretende confrontar o texto de Zc 13,7-9 com o discurso de Jo 10. Elegeu-se como seção mais relevante do discurso, em vista da temática do texto de Zacarias, a seção composta pelos versículos 11 a 15. Parte-se da análise do texto veterotestamentário, com atenção particular em sua

¹ SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 368.

mensagem e seus pontos centrais, para em seguida ser trabalhada a passagem joanina. Para sua correta compreensão, ambos serão localizados em seus respectivos contextos imediatos. Por fim, a aproximação das duas passagens permitirá aquilatar em que medida Zc 13,7-9 pertence ao horizonte temático e terminológico do discurso de Jo 10 e, caso isso seja constatado, em que pontos haveria homogeneidade ou heterogeneidade de sentido e mensagem. Desse modo, será possível ainda tecer considerações sobre o uso do Antigo Testamento pela comunidade cristã das origens e pelo Novo Testamento.

1. Zc 13,7-9

1.1. Zacarias 13,7-9 no contexto imediato

O texto de 13,7-9 localiza-se na segunda parte do livro de Zacarias, que, a partir do capítulo 9, descreve primeiramente a restauração de Judá (capítulos 9 a 11), concentrando-se, em seguida, na renovação da cidade de Jerusalém (capítulos 12 a 14). Nesta segunda parte, 12,1–13,9 tematiza Jerusalém como centro dos povos.²

Esta última subseção reúne oráculos diversos: anuncia o ataque das nações estrangeiras contra Jerusalém (12,1-8), a lamentação de Jerusalém sobre alguém que é ferido (12,9-14), sua purificação de todos os pecados, da idolatria e da profecia inautêntica (13,1-6) e, finalmente, a sorte do pastor e do povo (13,7-9).³

Zc 13,7-9 concentra-se na ferida do pastor, na sorte do povo e da purificação de uma parte sua. Estes versículos diferem, quanto ao tema, do que foi exposto nos versículos precedentes (vv. 1-6), que se referem aos profetas. O deslocamento dos vv. 7-9 para o final do capítulo 11, que também menciona o “pastor insensato”⁴ não considera as diferenças entre os dois textos e a relação desses versículos com o capítulo 13. De fato, há contatos terminológicos e temáticos expressivos entre eles e 13,1-2: se em 13,1 se menciona a purificação da “casa de Davi”, em 13,9, fala-se a purificação de uma parte do povo;

² WIERSBE, W. W., Comentário Bíblico Antigo Testamento, p. 669. A datação do material é discutida e, segundo Selman, “apesar de os estudiosos serem praticamente unânimes em situar esse material no período posterior ao exílio, mesmo havendo algumas possíveis alusões ao período anterior ao exílio, (...) a falta de qualquer ponto de referência específico indica que o autor não tinha em mente um contexto histórico em particular” (SELMAN, M., Zacarias, p. 1281-1286).

³ SMITH, R.L., Micha – Malachi, p. 248-252.

⁴ GREATOUSE, W.M., O Livro de Zacarias, p. 331. Sérandour (SÉRANDOUR, A., Zacarias, p. 554) sugere, em 13,7, o acontecimento da eliminação do último pastor; o v.8 mencionaria a purificação do último resto; por fim, no v.9, estaria a restauração da Aliança.

enquanto 13,1 se refere aos reis davídicos, a metáfora do pastor em 13,7 evoca igualmente uma figura régia; a eliminação do nome dos ídolos (v. 2) tem uma correspondência no fato que o Senhor será invocado (v. 9); o mesmo verbo כרת é usado para falar que serão extirpados, respectivamente, os nomes dos ídolos (v. 2) e duas partes do povo (v. 8).⁵

O capítulo 14, que segue, desenvolve a descrição da renovação final de Jerusalém, ultrapassando, por isso, a perspectiva do capítulo 13.

1.2. Organização do texto e semântica

O texto desenvolve-se em três momentos, em que cada qual é referido a um sujeito distinto. A ligação entre os três momentos se verifica pelo recurso de mencionar, ao final de cada uma, um sujeito que será objeto central na parte seguinte. Desse modo, o v. 7 aponta para o pastor e se conclui com a menção do rebanho, referência ao povo, com destaque, no final, para os “pequenos”.⁶ O v. 8 se refere ao povo como um todo (“em toda a terra”), mencionando, por fim, que é a terceira parte que será poupada. Por fim, o v. 9 gira em torno desta, que deverá passar por uma purificação. Com isso, o ponto focal do texto concentra-se no juízo acerca do pastor e do povo em seu conjunto, com ênfase na terceira parte, que será restaurada. Assim, a estrutura desta pequena unidade é a seguinte:

A espada contra o pastor e suas consequências	v. 7
A situação do povo	v. 8
A purificação de uma parte do povo	v. 9

1.2.1. A espada contra o pastor e suas consequências (v. 7)

Utilizando o recurso da personificação de um objeto (Ez 21,13), o v.7 se inicia com um vocativo dirigido à espada, que trará a morte ao pastor. Espada e pastor estão ligados também em 11,17,⁷ porém, a figura do pastor tem, em cada passagem, um valor diverso. Enquanto em 11,17 ele abandona as ovelhas, em 13,7 ele é próximo a Deus. Sua ligação com Deus se expressa, seja pelo fato de ser “meu pastor” seja por ser caracterizado como alguém “associado”,

⁵ MEYERS, C.L.; MEYERS, E.M., Zechariah 9 – 14, p. 385.392-393.

⁶ Ver o comentário a seguir.

⁷ CODY, A., Zacarias, p. 701-720. Seria um governante que oprime o povo (PAN, C. W., *et al.*, p. 298-300).

“próximo” a Deus.⁸ A relação do v. 7 com o v. 1 indica que a metáfora do pastor é usada em referência ao monarca (Jr 23,1-6; 34,1-23).⁹

O fato de não se dizer, explicitamente, quem manaja a espada faz supor que ela seja um instrumento de Deus. O verbo נכה aqui, no sentido de ferir, implica ferimento que leva à morte. Seu uso em Jr 21,7, junto com “espada”, em referência à captura do regente Sedecias pelo exército de Nabucodonosor, corrobora a referência de Zc 13,7 à dinastia davídica, à linhagem de Davi, desaparecida com o exílio babilônico.¹⁰ E a ideia de dispersão (verbo פירץ) confirma o contexto do exílio babilônico (Dt 4,27; 28,64; Jr 9,15; Ez 11,16.17; Ne 1,8). A imagem das ovelhas dispersas mostra a falta de segurança que se seguirá e a vulnerabilidade do povo.

A mensagem de juízo continua na expressão “voltarei minha mão contra” (Is 1,25; Am 1,8; Sl 81,15). Os “pequenos” (צַעֲרִים), no contexto da investida babilônica contra Judá, indica aqueles que permaneceram na terra, os pobres e pequenos agricultores (2Rs 25,12), a parte que ficou na terra (v. 8).

1.2.2. A situação do povo (v. 8)

A “terra”, indica aqui, o território que servia de “pastagem” ao rebanho, ou seja, a terra de Judá (Zc 4,10; 5,6). Seus habitantes, que sofrerão sortes diversas, são divididos em três grupos. A divisão tripartida evoca Ez 5,1-12, que anuncia o juízo para Jerusalém. No entanto, enquanto em Ezequiel todas as três partes são votadas ao desaparecimento, em Zacarias uma parte sobreviverá. Tendo já conhecimento da situação da investida dos babilônios em Judá, não fala de total destruição. As duas partes que serão “extirpadas” – no passivo teológico que tem Deus como agente – referem-se aos mortos na batalha, durante o assédio a Jerusalém, e aos exilados.¹¹ A terceira parte, que será deixada na terra, a partir de 14,2 diz respeito aos remanescentes na terra e retoma os “pequenos” mencionados no versículo precedente. Embora a parte

⁸ O termo empregado indica uma relação entre duas partes (Lv 5,21; 19,20; 10,11.15.17; 24,19; 25,14.15.17): MEYERS, C.L.; MEYERS, E. M., Zechariah 9 – 14, p. 386.

⁹ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 251.

¹⁰ MEYERS, C. L.; MEYERS, E. M., Zechariah 9 – 14, p. 387; ELLIS, D. J., Zacarias, p. 1367. Há autores, contudo, que identificam aqui uma liderança de Judá ou até mesmo um sumo sacerdote pós-exílio (CODY, A., Zacarias, p. 701-720). O conhecimento detalhado da história da época persa em Judá, contudo, não permite uma afirmação segura.

¹¹ 14,2, onde a mesma raiz indica a ida para o exílio.

daqueles que será resgatada seja de menor proporção, há um tom positivo, pois o povo sobreviverá (Is 4,3).¹²

1.2.3. A purificação de uma parte do povo (v. 9)

A terceira parte, que sobrevive, Deus a fará passar pelo fogo (Nm 31,23). Os que foram preservados necessitam de purificação. A imagem utilizada é tirada do trabalho metalúrgico, que leva ao fogo materiais para purificá-los. Como resultado, tem-se um metal mais valioso. Os “pequenos” serão avaliados (verbo בָּחַן): é uma purificação que ultrapassa a esfera física, pois leva à restauração da relação salvífica, que evoca também um contexto de reciprocidade por parte do Senhor. Com efeito, “invocar o nome” significa reconhecê-lo como único Deus, o que se relaciona com o que foi dito no v. 2, sobre a eliminação dos ídolos.¹³ De outra parte, Deus responderá à invocação feita, manifestando, assim, proximidade para com os “pequenos”. Isso é concretizado na retomada da aliança (Ex 6,7; Os 2,25), expressa na fórmula mencionada no final do versículo.

A continuidade da história salvífica para o povo eleito, após a catástrofe do exílio, dá-se na base da ação de Deus. Como a ameaça dos babilônios não escapava ao controle divino – demonstram-no a ordem de Deus no v. 1 e o passivo teológico no v. 2 –, assim a restauração da nação na época persa se dará a partir da ação divina que preserva e purifica uma parte do povo. Nada se fala do monarca nessa nova época, de modo que não é nela contemplada a restauração da dinastia davídica.

2. Jo 10,11-15: a imagem do pastor

2.1. Jo 10,11-15 no contexto imediato

O capítulo 10 do Evangelho de João, que expressa o caráter mais luminoso de Cristo e de sua revelação,¹⁴ localiza-se na primeira parte do

¹² Diferentemente dessa afirmativa, da dispersão de parte de israelitas, Warren W. Wiersbe entende aqui que as nações pagãs são punidas em favor ao povo eleito. WIERSBE, W. W., Comentário bíblico Antigo Testamento, p. 668.

¹³ MEYERS, C.L.; MEYERS, E. M., Zechariah 9 – 14, p. 396.

¹⁴ BOUVER, L., El Cuarto Evangelio, p. 40.

evangelho, o assim chamado “livro dos sinais” (Jo 1,19 – 12,50),¹⁵ ações de Jesus que autenticam sua grandeza¹⁶ e glória. Mesmo se esta parte não contém somente sinais, mas também longos diálogos e discursos, de modo que a denominação “livro dos sinais” não é totalmente apropriada, a divisão básica do evangelho em duas grandes seções, após o prólogo (Jo 1,1-18), não é posta em dúvida.¹⁷ Isso é marcado, sobretudo, pela “hora” de Jesus, que “ainda não chegou” na primeira parte (Jo 2,4; 7,30; 12,23.27) e que “chegou” em 13,1.¹⁸

Se, a partir do capítulo 13, Jesus não se dirige ao povo, mas somente aos discípulos mais íntimos, o desenvolvimento dos capítulos 1–12 pode ser considerado a partir de Jo 18,20, em que Jesus se refere a seu ministério: “falei abertamente ao mundo, ... na sinagoga e no templo”. Nos capítulos iniciais, Jesus se dirige ao “mundo”, judeus, samaritanos e gentios (capítulos 2 a 4); a partir do capítulo 5, suas ações e discursos se dirigem aos judeus, concentrando-se em torno de grandes festas,¹⁹ sobretudo na cidade de Jerusalém (Jo 5,1; 6,4; 7,2.37; 10,22; 11,55; 12,1).

O discurso do pastor, no capítulo 10, ocorre nessa segunda seção da primeira parte. O contexto é de forte oposição a Jesus. Já o capítulo 5 mostra o confronto com autoridades judaicas (Jo 5,10-18). A partir do final do discurso do “pão da vida”, o evangelista observa que muitos deixaram de seguir Jesus e o próprio Jesus exige dos seus discípulos uma decisão (Jo 6,66-67). A partir do capítulo 7, a oposição entre Jesus e os judeus ganha novos desenvolvimentos. Seus irmãos não o aceitam (Jo 7,5), o “mundo” o odeia (Jo 7,7), a multidão considera que ele está possuído por um demônio (Jo 7,20), as autoridades tramam prendê-lo (Jo 7,30.32), mesmo se ele é aceito por muitos (Jo 7,41.43). O capítulo seguinte aprofunda a oposição: Jesus não é aceito (Jo 8,45), reafirma-se que ele está possesso (Jo 8,48) e procura-se lapidá-lo (Jo 8,59). No capítulo 9 continua a oposição, que culmina no dito final de Jesus (Jo 9,39.41). Trata-se de uma nova disputa, que deixa clara a diferença entre o cego que crê e os chefes judeus, que se fecham à fé. Estes episódios preparam bem, assim, o texto do capítulo 10, que distingue entre pastor e mercenários ou semelhantes²⁰ e que não deixa de apresentar reações negativas ao ensinamento de Jesus (Jo

¹⁵ CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 103, baseado em Jo 20.30,31, afirma que, para o evangelista, “todo” o Evangelho é um livro de Sinais.

¹⁶ TUYA, M., Evangelhos, p. 944.

¹⁷ Conferir a discussão apresentada em JABER, R. S., O novo nascimento por obra do Espírito, p. 24-27.

¹⁸ JABER, R. S., O novo nascimento por obra do Espírito, p. 27.

¹⁹ JABER, R. S., O novo nascimento por obra do Espírito, p. 29.

²⁰ SCHNACKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 369.

10,20), incluindo uma nova tentativa de matá-lo e prendê-lo (Jo 10,31.39). A oposição é retomada nos capítulos seguintes, particularmente em Jo 11,45-57 e 12,37-41. É nesse contexto, sobretudo considerados os capítulos anteriores, que se colocam os versículos iniciais do capítulo 10, que confrontam o pastor ao ladrão, ao assaltante, ao estranho (Jo 10,1-2.5).

Embora a imagem do pastor e das ovelhas esteja presente em diversos momentos do capítulo 10, a menção da festa da dedicação do templo, no v. 22, introduz uma mudança temporal significativa e a oposição, que, nos vv. 1-18, desenvolve-se particularmente no nível das imagens, nos vv. 22-42 ocorre no nível real. Nesse sentido, os vv. 19-21, ao mencionar a cisão entre os circunstantes, servem de transição e introduzem a segunda grande seção do capítulo, que se inicia no v. 22.

Na primeira parte (vv. 1-18), o tema dominante é a doação da vida pelas ovelhas a que o pastor está pronto (Jo 10,10.11.15.17.18). É servindo a esse objetivo que recebem destaque as oposições entre o pastor/assalariado, entrar pela porta/entrar por outro lugar, ser porta/ser ladrão, dar a vida/o lobo, suas ovelhas/não são suas próprias, conhecer as ovelhas/não se importar com elas, conduzir/roubar, matar, destruir.

Mesmo se o tema de dar a vida é retomado nos vv. 17-18, a partir do v. 16 alarga-se a perspectiva e, além das “suas” ovelhas, abarca-se também “outras”. Muda-se, portanto, o foco do discurso.²¹

Os vv. 1-6 giram em torno da imagem da porta, mas mencionam também o pastor e outras personagens que lhe são opostas. A partir do v. 7, o confronto entre o pastor e as outras personagens continua (vv. 8.10.12-13), mas em primeiro plano coloca-se a autorrevelação de Jesus, expressa na fórmula *Ἐγώ εἰμι* (vv. 7.9.11.14)²², o que marca uma distinção significativa entre os versículos iniciais e os que seguem. De outro lado, a menção da porta, do pastor e dos outros personagens, em 10,1-6, impulsiona o desenvolvimento do texto. De fato, o v. 6 observa que essas imagens não foram compreendidas, de modo que a reação do auditório às palavras de Jesus motiva sua explicação e, com isso, explanações mais detalhadas dos ditos nos vv. 1-5. Estas são apresentadas

²¹ Passa-se agora à relação entre os cristãos provenientes do judaísmo e os oriundos do paganismo. Alguns autores veem este versículo como uma inserção posterior. BEUTLER, J., *Evangelho segundo João*, p. 247.

²² SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 366-367. Schulz Siegfried distingue diferentemente as unidades textuais: vv. 11-13 e vv. 14-18. Nesta última, explica-se o significado das imagens e os versículos estão ligados pela menção da entrega da vida pelas ovelhas (vv. 15.17.18) (SCHULZ, S., *Das Evangelium nach Johannes*, p. 150-151).

em dois momentos: os vv. 7-10 desenvolvem a imagem da porta; os vv. 11-15, a imagem do pastor.

2.2. Organização do texto e semântica

A relação entre os vv. 11-15 é marcada, além da imagem do pastor, por uma inclusão. A menção de que o bom pastor “dá a vida” pelas ovelhas forma uma moldura, uma vez que ocorre no seu início (v. 11) e no final da explicação (v. 15).²³ De outro lado, o fato de o tema do pastor ocorrer nos vv. 11.14, uma perspectiva eclesial²⁴ antes não usada, sublinha, por um novo título, a coesão interna dos vv. 11-15.

Os vv. 11-15 apresentam duas afirmações com Ἐγώ εἰμι (vv. 11a.14a), cada qual seguida por duas explanações breves. Nos vv. 11b-13, a explicação se dá pela contraposição entre o bom pastor e o mercenário, em forma, por assim dizer, negativa (o comportamento de quem não é pastor versus o do pastor); nos vv. 14b-15 a explicação se dá de forma positiva, pela indicação do mútuo conhecimento entre o pastor e as ovelhas.²⁵ Assim, a estrutura desta pequena unidade é a seguinte:

Autoapresentação: Eu sou o bom pastor	v. 11a
Detalhamento da afirmação do v. 11a: em forma negativa	
Oposição entre pastor e mercenário:	vv. 11b-13
Autoapresentação: Eu sou o bom pastor	v. 14a
Detalhamento da afirmação do v.14a: em forma positiva:	
O mútuo conhecimento entre o pastor e suas ovelhas:	vv. 14b-15

Fica claro, com tal organização, que o ponto focal da unidade é a identificação de Jesus como o bom pastor.

2.2.1. A autoapresentação: Eu sou o bom pastor (vv. 11a. 14a)

Por duas vezes a unidade usa a fórmula Ἐγώ εἰμι, usada no quarto evangelho muitas vezes com sentido teológico, em relação ao nome de Deus revelado em Ex 3,14. Aqui, ligado ao termo “pastor” (ποιμήν) com uma

²³ TENUTO, C., A tensão entre o verdadeiro pastor e o mercenário uma leitura de Jo 10, 11-18, p. 50.

²⁴ TENUTO, C., A tensão entre o verdadeiro pastor e o mercenário uma leitura de Jo 10, 11-18, p. 50.

²⁵ WIKENHAUSER, A.; KUSS, O., El Evangelio según San Juan, p. 301; SCHNACKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 346.

metáfora²⁶ serve para identificar uma característica de Jesus. Não se trata de uma simples comparação, mas de uma identidade:²⁷ “Eu sou ... pastor”. O termo pastor é precedido de artigo definido, o que faz dele algo único, é o pastor por excelência. O adjetivo que segue é também precedido de artigo, de modo que a expressão *ὁ ποιμὴν ὁ καλός* ganha ênfase.²⁸

O adjetivo *καλός*, cujo sentido básico diz respeito à beleza, pode também apresentar o sentido de “bom”,²⁹ que é o que melhor cabe aqui. A língua grega conhece o termo *ἀγαθός* para expressar o que é bom; a escolha de *καλός*, então, parece acrescentar novas dimensões à bondade que caracteriza o pastor. De fato, *ἀγαθός*:

Descreve a qualidade moral de algo. (E) a palavra *kalós* (...) assinala que a coisa ou a pessoa não só é boa mas também na bondade há uma qualidade de atração, de beleza, que a convertem em algo formoso. (...)Em Jesus há algo mais que eficiência, mais que fidelidade; há uma certa formosura. (...) Na imagem de Jesus como o bom pastor há um elemento de beleza além de força e poder.³⁰

Todavia, simultaneamente o termo afirma, em Jesus, mais ainda do que a beleza, a perfeição³¹ que o faz ser de fato o Messias por excelência.

De outro lado, o sentido não é o de que Jesus seja o legítimo pastor, pois, nesse caso, na literatura joanina, seria de se esperar *ἀληθινός* (Jo 6,32; 15,1). Tal tradução, além disso, encobriria a afirmação dos vv. 11b.15b, concernente à doação da vida. Pois o termo “bom” está ligado, pelo contexto, a esta ideia, de modo que a doação da vida expressa a bondade do pastor, em contraste com a atitude do assalariado.³²

Não se trata aqui, portanto, daquele pastor “que nascia para desempenhar a sua tarefa, (que) era enviado a cuidar do rebanho logo que tinha idade suficiente para fazê-lo”,³³ mas a imagem tem o valor de uma automanifestação cristológica.³⁴ Além disso, por estar vinculada a dar a vida, a imagem do pastor,

²⁶ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 171.

²⁷ SCHULZ, S., Das Evangelium nach Johannes, p. 150.

²⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de João, p. 433.

²⁹ LIDELL, H. G.; SCOTT, R., *καλός*, p. 870; The Greek New Testament, p. 358-359.

³⁰ BARCLAY, W., Comentário do Novo Testamento, p. 343.

³¹ BROWN, R. E., El Evangelio según Juan, p. 695.

³² SCHNACKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 367.

³³ BARCLAY, W., Comentário do Novo Testamento, p. 342.

³⁴ SCHNACKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 366.

aqui, aponta não para uma função de guia do rebanho, mas para sua função soteriológica.

A imagem do pastor no Antigo Testamento é cenário para Jo 10.³⁵ Ela é empregada para Deus, indicando atitudes de solicitude, guia, cuidado, proteção (Sl 23,1-4). Aplicada também para dirigentes políticos e militares (Is 44,28; 56,11; Jr 2,8; 11,21; Ez 34,1) e, sobretudo, para o rei futuro (Jr 23,1-4; Ez 34,23-24; Mq 5,1-3). A imagem reúne, aplicada a Jesus, todas as características ideais do rei futuro, ao mesmo tempo em que evoca a imagem do Deus-Pastor e sua ação em prol de seu povo.

2.2.2. A oposição entre pastor e mercenário (vv. 11b-13)

Os vv. 11b-13 detalham a imagem do bom pastor através de contrastes com a figura do “mercenário” (μισθωτός): enquanto o bom pastor expõe sua vida, o mercenário, ao ver o perigo (o “lobo”), abandona as ovelhas e foge (vv. 11b-12); pois ao pastor pertencem as ovelhas e ao mercenário não (v. 12) e, por isso, ele não se importa com as ovelhas (v. 13). A expressão τίθησιν τὴν ψυχὴν literalmente “coloca a sua alma/vida”, indica a entrega de si mesmo, a total doação³⁶ (Jo 10,17; 13,37-38; 15,13). Trata-se, no contexto, de um ato total de desprendimento e de renúncia constante em prol das ovelhas. Com efeito, o verbo τίθημι é, na literatura joanina, uma expressão soteriológica, uma alusão à morte sacrificial de Cristo. O pastor passa a ser salvador das ovelhas. Esse “dar-se” faz parte do dinamismo da sua vida e, muito mais do que “perder-se” no sentido negativo da expressão, revela de quem Ele é, pois Jesus entrega-se a si mesmo e recupera sua vida (vv. 17.18).

Essa entrega incondicional não é partilhada e nem adquirida pelo mercenário, pois este é aquele que recebe uma gratificação financeira para cuidar das ovelhas³⁷ que não são suas. Ele tem o dever de cuidar das ovelhas, mas não está ligado a elas de modo profundo. Nesse sentido, diante do perigo³⁸ prioriza sua própria vida, foge para longe porque não há responsabilidade nem amor, mas apenas interesse próprio de sobrevivência. Ora, se o mercenário aparece com traços totalmente negativos, porque falha na confiança dada a ele

³⁵ E não o pensamento mandeu-gnóstico (SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 367-368). Diferentemente pensa SCHULZ, S., *Das Evangelium nach Johannes*, p. 150.

³⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de João*, p. 433.

³⁷ SCHULZ, S., *Das Evangelium nach Johannes*, p. 150.

³⁸ O “lobo” (λύκος) em João, como “um símbolo do perigo iminente”. SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 369.

na hora do perigo,³⁹ o pastor é seu oposto. Diferente do pastor, o mercenário não expõe a sua vida pelo rebanho, mas procura salvar a sua, deixando as ovelhas desprotegidas.⁴⁰ Em oposição ao pastor, o mercenário indica os judeus que se opõem a Jesus e à comunidade cristã (Jo 5,44; 12,42), especialmente os fariseus e os dirigentes em geral (Jo 7,49; 9,22.34; 11,48).⁴¹

O “lobo” age de duas maneiras: de um lado, para seu proveito próprio; de outro, para eliminar o rebanho.⁴² O primeiro verbo (ἀρπάξω)⁴³ significa capturar, roubar; esta é a intenção do “lobo”, à qual Jesus, porém, no contexto imediatamente sucessivo, fará frente (Jo 10,28.29). O segundo (σκορπίζω)⁴⁴ tem o sentido de dividir, dispersar e é usado no Antigo Testamento, dentre outros sentidos, para expressar a dispersão do povo (Ez 5,12), o que, considerando o contexto do evangelho, remeteria à divisão e dispersão da comunidade cristã. Em Jo 11,52, a missão de Jesus, definida como reunir os que estão dispersos, responde, sob certo ângulo, ao texto de Jo 10,12.

2.2.3. O mútuo conhecimento entre o pastor e suas ovelhas (vv. 14b-15)

A segunda explanação do tema do “bom pastor”, que ocorre nos vv. 14b-15, tem seu centro no conhecimento entre pastor e ovelhas. O verbo γινώσκω indica, mais do que obter informações, uma ligação pessoal que implica união. Esta noção está radicada na tradição veterotestamentária e expressa uma íntima comunhão, utilizada também para falar da relação entre Deus e seu povo (Is 11,9; Jr 31,34; Os 2,18.22).⁴⁵ A relação de conhecimento mútuo entre Jesus e as ovelhas implica, em virtude do uso do verbo na literatura bíblica, uma relação de amor, um conhecimento não de contemplação e sim na “perspectiva semítica da experiência”,⁴⁶ “numa admirável representação do relacionamento entre

³⁹ SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 369.

⁴⁰ SCHULZ, S., *Das Evangelium nach Johannes*, p. 150.

⁴¹ SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 369.

⁴² Não parece ser adequado, porém, alegorizar a metáfora, identificando no “lobo” uma figura demoníaca ou mesmo o discípulo traidor, pois isso agregaria à metáfora mais do que ela realmente expressa (SCHULZ, S., *Das Evangelium nach Johannes*, p. 150). O foco é a pessoa de Jesus. Assim, não deve ser tratado numa metáfora das forças do mal, do demônio, ou aquele que é capaz de matar o cordeiro, Cristo. Este é o sentido do termo em geral, mas que não cabe no texto (ROSA, M. C. A., *Lobo*, p. 73).

⁴³ FOERSTER, W., ἀρπάξω, p. 72.

⁴⁴ MICHEL, O., σκορπίζω, p. 948-949.

⁴⁵ O verbo γινώσκω traduz o verbo יָדָע. SCHOTTROFF, W., יָדָע *Conocer*, p. 960-962.

⁴⁶ MALZONI, C. V., *Evangelho segundo João*, p. 40.

mestre/discípulo”.⁴⁷ A afirmação do mútuo conhecimento se aproxima dos ditos de imanência recíproca presentes no quarto evangelho e que evidenciam a inabitação de Jesus no fiel e do fiel em Jesus, como expresse, dentre outros textos, em Jo 14,20: “vós em mim e eu em vós” (Jo 6,56; 15,15; 17,21). Pois conhecer implica comunhão de vida (Jo 17,3).⁴⁸

Tal relação é tão profunda que é comparada à relação entre Jesus e o Pai. O v. 30 indicará a estreita ligação de Jesus com o Pai, ao afirmar que Ele e o Pai são um (v.30), uma unidade de ação,⁴⁹ que se pode conhecer pelas suas obras (v. 38).⁵⁰ E, se “tudo que Jesus diz e faz é meramente a materialização da vontade do Pai”, pode-se dizer que “é o próprio Pai que, por fim, está por trás da preservação das ovelhas de Jesus”.⁵¹

O “como” (καθώς; Jo 15,9.10; 17,11.21.22) não é simples comparação, mas tem aqui sentido de demonstração.⁵² Indica a relação entre Jesus e o Pai como protótipo e como base sobre a qual se realiza a comunhão de Jesus com os seus. Os vv. 27-30 retomarão o conhecimento entre Jesus e suas ovelhas (v. 27) juntamente com a afirmação de o Pai as ter dado a Jesus (v. 28), de modo que não poderão ser arrebatadas (mesmo verbo ἀρπάξω, usado para a ação do “lobo”) nem de Jesus nem “das mãos do Pai” (v. 29); enfim, demonstra-se a íntima relação entre Jesus e o Pai (v. 30).

O “dar a vida” fecha a unidade, levando ao ápice a expressão deste conhecimento de amor.

3. Jo 10,11-15 e sua relação com Zc 13,7-9

O confronto das duas passagens estudadas revela pontos de continuidade e descontinuidade entre ambas.

Fica evidente, em primeiro lugar, que, tanto em Zc como em Jo, o “pastor” é apresentado como uma figura que tem relação com Deus (no evangelho, com o Pai): em Zc 13,7, ele é “meu (de Deus) Pastor”, intimamente próximo, associado a Deus; em Jo 10,14-15, marca-se, através do conhecimento

⁴⁷ CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 384.

⁴⁸ SCHNACKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 370.

⁴⁹ BROWN, R. E., El Evangelio según Juan, p. 717.

⁵⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., Conhecimento, p. 37-40.

⁵¹ CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 394.

⁵² SCHNACKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 371. O autor cita BLASS, F.; DEBRUNNER, A.; FUNK, R.W., A Greek Grammar of The New Testament and Other Early Christian Literature, § 453.2.

mútuo, a profunda relação entre Jesus e o Pai. Se, em Zc se trata de um monarca da casa de Davi, na passagem do quarto evangelho, todavia, nada se fala sobre isto, mesmo se a imagem do pastor, no cenário veterotestamentário esteja muitas vezes ligada ao monarca. Por outro lado, para ambos há a perspectiva de morte: mas, em Zc, pela espada – imagem da ação divina –; em Jo, pela livre entrega da própria vida (10,11.15).

Este último aspecto é o tema dominante no texto de João, marca uma significativa diferença para com a passagem de Zacarias e influencia o sentido do texto sob muitos títulos. Primeiramente, porque, ligada à sorte do pastor, está a do rebanho: disperso (como consequência da vinda do “lobo”), no primeiro caso; guardado, protegido, no segundo, pela virtude da vida de Jesus doada às “suas ovelhas” (Jo 10,11). Em segundo lugar, a ideia de dispersão, expressa em Jo 10,12 (verbo σκοπίζω), tem uma correspondência não propriamente terminológica, mas semântica em Zc 13,7, que também menciona a dispersão das ovelhas (verbo ἐκσπῶ na Setenta). Em comparação com as ovelhas que ficam desprotegidas em Zc 13,7, Jesus expõe sua vida por elas, diferenciando-se assim do mercenário, que abandona, foge e não se importa com as ovelhas (Jo 10,12-13). Além disso, enquanto em Zc 13,7 a morte do pastor liga-se à dispersão do rebanho, em Jo 10,11-12 é motivo de não dispersão, na medida em que se opõe à ação predatória do “lobo”: em vez de fator de morte, é fator de vida. Em terceiro lugar, enquanto em Zc uma boa parte do povo morrerá ou será enviada ao exílio (13,8), restando somente os “pequenos”, no texto evangélico a doação da vida não discrimina nenhum grupo, mas se dirige a todos. E se os “pequenos”, em Zc, deverão ser provados (13,9), o texto joanino se concentra exclusivamente na ação salvífica de Jesus pelos seus.

De outro lado, ambos os textos se concluem com a referência à comunhão. Em Zc 13,9, pela união expressa no invocar – responder e na retomada da aliança, na fórmula “meu povo – meu Deus”. Em Jo 10,14, pelo íntimo “conhecimento” entre Jesus e suas ovelhas. A relação de intimidade, que em Zc 13,7 é dita de Deus em relação ao pastor, em Jo 10,14 é referida de Jesus para com suas ovelhas. O pastor não aparece particularmente ligado às ovelhas em Zc, diferente do que ocorre no texto joanino. Neste, são delineadas as qualidades do pastor: a bondade que inclui a ideia de beleza e, portanto, de atração; o amor que vai até a doação da vida. E se, nessa linha, o pastor-Jesus é ativo, ao expor-se aos ferimentos e à morte (“dar a vida”) diante do “lobo”, o pastor em Zc não doa propriamente sua vida, mas é passivo, ferido pela espada cujo agente, em última instância, é Deus.

Os focos dos textos estudados são, além disso, diversos. Em Zc, ainda que seja mencionado o pastor, a ideia central está na restauração do povo a partir de um pequeno grupo, que renovará a aliança com o Senhor. Em Jo, é o pastor o foco. As ovelhas (o povo) entram no texto para evidenciar o cuidado do pastor por elas e sua missão em vista delas. A menção do ferimento de morte do pastor de Zc 13, contudo, encontra, embora sob outra formulação, a concepção do pastor joanino, enquanto ele mesmo oferece sua vida para o bem do rebanho. O contexto do capítulo 10 de João mostrará ainda que a missão do pastor-Jesus inclui a reunião das ovelhas num único rebanho (v. 16), desfazendo, dessa forma, a possível dispersão do povo (ainda Jo 11,52). E se, em Zc 13,7-9, o movimento do texto pode ser sintetizado nas palavras ferir-preservar-purificar-restaurar a aliança, pela ação de Deus, em Jo 10,11-15 são retomados três desses temas centrais: ser ferido/dar a vida; preservar/não abandonar, não fugir/importar-se; restaurar a aliança/conhecer. Somente a ideia de purificação do rebanho não é expressa no texto joanino, pois seu centro gira em torno da “vida” doada pelo pastor.⁵³

Por fim, a consideração em conjunto das duas passagens evidencia que certos elementos recebem, em Jo, uma dimensão insuspeitada no texto veterotestamentário. Assim, a comunhão que finaliza o texto de Zacarias é não só espelhada no conhecimento entre Jesus e suas ovelhas, em Jo 10,14, mas é levada a um grau sublime, na medida em que é colocada em paralelo com a comunhão entre Jesus e o Pai (Jo 10,15). A partir daí, ganha também em significado a expressão “meu pastor” de Zc 13,7: pela íntima comunhão com o Pai, Jesus pode ser dito, em relação ao Pai, em sentido muito mais profundo, “seu pastor”. Um pastor ferido pela espada, em Zacarias, mas também morto (“dar a vida”) – agora, porém, numa morte salvífica para outros e não como fator de aniquilamento do povo.

Conclusão

Com a aproximação dos textos estudados, fica evidenciado o modo como foi lido o texto veterotestamentário. Elementos singulares cujas analogias são percebidas a partir da Pessoa de Jesus e sua compreensão da missão a Ele confiada pelo Pai são utilizados para pôr em relevo um e outro aspecto de sua vida. Os contextos originários são deixados em segundo plano, em vista de

⁵³ A purificação, porém, não está fora do horizonte do quarto evangelho (por exemplo, Jo 13,8: deixar-se lavar para ter parte com Jesus).

acentuar aqueles aspectos que mais interessam à mensagem cristã e mais diretamente podem servir ao dado neotestamentário. Segue-se assim, em grandes linhas, o procedimento comum no Judaísmo da época e põe-se o acento nos aspectos teológicos que se quer inculcar. Com isso, conceitos, termos e expressões presentes no texto do Antigo Testamento adquirem novas conotações, num desdobramento de significados não evidentes em sua antiga formulação. O Novo Testamento e, nele, a Pessoa, a mensagem, a vida e a missão de Jesus apresentam-se então como verdadeira chave hermenêutica da Escritura, ao mesmo tempo em que se patenteia a importância da revelação veterotestamentária para compreensão mais aprofundada dos textos do Novo Testamento, seja pela convergência seja pela contraposição de sentidos.

Desse modo, em contraponto ao pastor da perícopa de Zacarias, Jesus, no Evangelho de João, assume para Si a missão de pastorear as ovelhas dadas pelo Pai, como aquele que é o verdadeiro Pastor de Israel. E isso é expresso também no contexto de outras tradições, especialmente em Mc 14,27, quando cita Zacarias 13,7 no âmbito de uma linguagem direcionada ao futuro: “Ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão”; diferentemente do texto do profeta que usa um modo imperativo nessa expressão; aqui se ratifica a visão daquele que iria sofrer, Jesus Cristo, e, “conforme indicado pela afirmação ‘ferirei’, na primeira pessoa, o sofrimento de Jesus é necessário (8,31), uma vez que, na realidade, é Deus quem está por trás de tudo isso”.⁵⁴ Dessa maneira, Jesus, como verdadeiro Bom Pastor, dá sua vida na cruz para o resgate das ovelhas, a humanidade. Em Jesus, “o ser pastor é sempre um ser para as ovelhas”,⁵⁵ e cada uma delas tem sua importância em particular, sendo amadas num modo único.

De outra parte, em relação a Zc 13,9, esse Pastor reunirá o seu povo (Jo 11,52). Em Jo 10,14 a afirmação de que Jesus conhece as suas ovelhas e as chama de suas, e estas O conhecem, evoca uma esperança concreta, não da simples restauração da dinastia davídica, concluída com o exílio babilônico (Zc 13,7), mas uma expectativa que não:

É a esperança a se verificar de um dia para outro nem é mera recordação histórica como se fosse um regresso à figura heroica de Davi. É algo mais importante: rompem-se os limites do tempo, apagam-se as linhas divisórias entre passado, presente e futuro, embora sempre se trate dum “primeiro”, dum “agora” e dum “depois”.⁵⁶

⁵⁴ WATTS, R. E., Marcos, p. 291.

⁵⁵ SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 368 (tradução nossa).

⁵⁶ ZOLLI, E., *Guia do Antigo e Novo Testamento*, p. 132.



Com estas reflexões, conclui-se pela coerência da colocação de Schnackenburg que serviu de ponto de partida para o presente estudo. Ao analisar Jo 10,11-15, o autor refere-se ao profeta: “o Dêutero-Zacarias profetiza (...) acerca de um pastor de Deus, que é morto e cuja morte provoca uma mudança de situação (13,7-9)”.⁵⁷

A relação entre os dois textos não é evidente numa primeira abordagem, pois se dá a partir de elementos textuais tomados de forma isolada e não da linha mestra das perícopes ou de sua estrutura. Chama a atenção, contudo, como este texto de Zc, que poderia ser relacionado ao incógnito transpassado de Zc 12,10, foi uma daquelas passagens do Antigo Testamento usadas para caracterizar a pessoa e a missão de Jesus. É o mesmo Schnackenburg que observa a abrangência da utilização de Zc 13,7-9 e 12,10 nos evangelhos: “Esta profecia do pastor o Novo Testamento a aplica a Jesus (...) (Mc 14,27 e paralelos) (...), enquanto que João, na cena depois da morte de Jesus (19,27) cita a palavra sobre o transpassado (Zc 12,10)”.⁵⁸

Nesse sentido, surge natural a pergunta: “Estaria talvez João inserido numa primitiva tradição cristã, para a qual Zc 12,10; 13,7 constituía um vaticínio messiânico da morte de Jesus?”.⁵⁹ Questão esta que deixamos para uma reflexão posterior.

Referências bibliográficas

BARCLAY, W. **Comentário do Novo Testamento**. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/8n0vnn>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

BEUTLER, J. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Loyola, 2015.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BLASS, F.; DEBRUNNER, A.; FUNK, R.W. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: University Press, 1961.

BROWN, R. E. **El Evangelio según Juan**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1999.

BOUVER, L. **El Cuarto Evangelio**: Introducción al evangelio de Juan. Barcelona: Stela, 1967.

⁵⁷ SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 368 (tradução nossa).

⁵⁸ SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 368 (tradução nossa).

⁵⁹ SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 368 (tradução nossa).



- CARSON, D. A. **O Comentário de João**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- CODY, A. Zacarias. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2007. p. 701-720.
- FOERSTER, W. ἄρχαῖω. In: BROMILEY, G.W. **Theological Dictionary of the New Testament edited by Gerhard Kittel and Gerhard Friedrich**. Abridged in one volume. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. p. 72.
- GREATOUSE, W. M. O livro de Zacarias. In: REED, O. F. et al. (Orgs.). **Comentário Bíblico Beacon**: Oséias a Malaquias. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 289-341. v.5.
- JABER, R. S. **O novo nascimento por obra do Espírito**: Jo 3,1-12 à luz da profecia de Ez 36,24-28. Rio de Janeiro, 2018. 391p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- LIDELL, H. G.; SCOTT, R. καλός. In: LIDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996. p. 870.
- MALZONI, C. V. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de João**: análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. Conhecimento. In: MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2019. p. 37-40.
- MEYERS, C. L.; MEYERS, E. M. **Zechariah 9 – 14**. New York: Doubleday, 1993.
- MICHEL, O. σκοπίζω. In: BROMILEY, G.W. **Theological Dictionary of the New Testament edited by Gerhard Kittel and Gerhard Friedrich**. Abridged in one volume. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. p. 948-949.
- PAN, C.W. ʿwīl. In: VANGEMEREN, W. A. (Org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 298-300. v.1.
- ROSA, M. C. A. Lobo. In: ROSA, M. C. A. **Dicionário de símbolos**: o alfabeto da linguagem interior. São Paulo: Escala, [s.d.]. p. 73.
- SCHNACKENBURG, R. **El Evangelio según San Juan**: Versión y Comentario. Barcelona: Editorial Herder, 1980. t. II.



SCHOTTROFF, W. **ידד' Conocer**. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. (Orgs.). **Diccionario manual Del Antiguo Testamento**. Madrid: Cristiandad, 1978. p. 942-967. v.1.

SCHULZ, S. **Das Evangelium nach Johannes**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.

SELMAN, M. Zacarias: Teologia de. In: VANGEMEREN, W. A. (Org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 1281-1286. v.1.

SÉRANDOUR, A. Zacarias. In: RÖMER, T.; MACCHI, J. D.; NIHAN, C. (Orgs.). **Antigo Testamento: história, cultura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 552-567.

SMITH, R. L. **Micha – Malachi**. Waco (Texas): Word Books, 1984.

TENUTO, C. **A tensão entre o verdadeiro pastor e o mercenário uma leitura de João 10, 11-18**. Rio de Janeiro, 2001. 129p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

THE GREEK New Testament. Fourth Revised Edition. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

TUYA, M. **Evangelios**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.

WATTS, R. E. Marcos. In: BEALE, G.K.; CARSON, D. A. (Orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 139-316.

WIERSBE, W. W. **Comentário Bíblico Antigo Testamento: A bíblia explicada de maneira clara e concisa**. Santo André, SP: Geográfica, 2008.

WIKENHAUSER, A.; KUSS, O. **El Evangelio según San Juan**. Barcelona: Herder, 1967.

ZOLLI, E. **Guia do Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1961.

Maria de Lourdes Corrêa Lima

Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana
Docente de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro



ISSN 2763-9762

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2021v1n2p134

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: mllima@puc-rio.br

Gilliard Gomes Viana

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: hilaniard@yahoo.com.br

Recebido em: 09/09/2021

Aprovado em: 02/12/2021